



CINEMA

A Hollywood de **Pernambuco**

Tese relembra o Ciclo do Recife,
os jovens que fizeram filmes como os dos
americanos para o cinema local

JOANA MONTELEONE

Em 1929, Gilberto Freyre recebeu uma estranha visita na redação de *A Província*, um dos mais tradicionais jornais do Recife. O velho homem, aristocrata da antiga geração de senhores de engenho da Zona da Mata de Pernambuco, vinha pedir ao então jovem diretor do jornal que colocasse a polícia atrás de umas assombrações que estavam a lhe atrapalhar a vida. Espantado com o pedido, Freyre encaminhou o amigo a um psiquiatra. E começou a recolher histórias de fantasmas para um livro. Era um sinal dos tempos. A cidade já não era a

mesma. O Recife dos lampiões de azeite rendia-se às luzes fulgurantes da modernidade. E mesmo Freyre, grande defensor das tradições nordestinas, não conseguia levar essas histórias a sério. Acabara-se o espaço para histórias ao pé do fogão, contadas pelas “bás” aos sinhozinhos malcriados. Automóveis, sorvetes, aviões e filmes americanos seduziam uma nova geração, ávida pelas emoções do século da velocidade.

Na cidade que fazia questão de esconder o passado – mudando o nome de ruas, construindo edifícios modernos, abrindo avenidas –, um grupo de jovens



resolveu fazer filmes como os americanos para exibi-los nos cinemas da cidade. Começava assim um dos mais importantes ciclos do cinema regional do país, até hoje pouco conhecido. A pesquisadora de cinema do Programa de Pós-Graduação em Multimeios da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Luciana Corrêa de Araújo, agora desenvolve uma pesquisa de pós-doutoramento que procura analisar o Ciclo do Recife, identificando o cenário social e cultural em que essas produções foram realizadas.

“Nesse período”, diz Luciana, “convivem com particular intensidade as ambições de modernidade e desejo de manter as tradições, num processo que se desenrola sob diversos aspectos e que tem entre suas principais manifestações a polêmica envolvendo o sociólogo Gilberto Freyre, que chegaria a escrever o ‘Manifesto Regionalista’, e o jornalista Joaquim Inojosa, ligado aos intelectuais da Semana de 22 e grande entusiasta e divulgador das idéias modernistas no Nordeste.” A polêmica toma conta do Recife e vai pautar tanto a produção de filmes como a crítica de jornal sobre as películas exibidas nos cinemas da cidade. As sessões não ocorriam apenas no famoso Cine Royal, sempre

lembrado. “Insisto nesse ponto porque se costuma falar apenas no Royal, mas a pesquisa nos jornais diários mostrou que os filmes eram exibidos em outros cinemas, alguns filmes até percorrendo um circuito de exibição significativo, em salas do centro e dos bairros.”

O Ciclo do Recife tem como um dos principais marcos a volta do ourives Edison Chagas para a cidade, vindo do Rio de Janeiro, então capital da República, com a idéia de fazer cinema americano em Pernambuco. No Rio, Chagas chegara a trabalhar em pequenas produções cinematográficas, onde aprendera algumas técnicas utilizadas por ele para as produções do Ciclo. Logo ele se junta ao gravador Gentil Roiz, que possuía uma câmera de segunda mão e já escrevia argumentos para filmes imaginários. Os dois, ao lado do estudante de engenharia Ary Severo, fundam a Aurora-Film, a primeira e mais importante produtora do Ciclo. Em 1924 já estão filmando o primeiro longa-metragem. “Em pouco tempo, eles conseguem reunir cerca de 30 jovens de diversas ocupações, como jornalistas, comerciários, artistas, funcio-

Edison Chagas, principal cinematografista do período; e Almyr Steves em *Aitaré da praia*, filmado nas praias pernambucanas

nários, que enxergam na Aurora uma oportunidade de passarem de fãs a atores e técnicos de cinema”, conta a pesquisadora.

Inicialmente as produções eram baratas e contavam com a boa vontade dos jovens que gravavam em torno da produtora. Com o tempo, os custos de produção e distribuição foram aumentando e a produtora passou a ter sérios problemas financeiros. A Aurora-Film faliu duas vezes, mas seus idealizadores continuaram a fazer cinema de diferentes maneiras.

O primeiro filme do Ciclo, *Retribuição*, estréia em março de 1925. Escrito e dirigido por Gentil Roiz e com fotografia de Edison Chagas, o filme conta a história, tipicamente hollywoodiana, de um casal que, à procura de um tesouro, luta contra um grupo de bandidos. Compunham o elenco Barreto Junior e Almyr Steves, que mais tarde seria reconhecida como a maior estrela do Ciclo do Recife. O filme fez grande sucesso no Cine Royal, local que se tornaria a principal vitrine do cinema pernambucano produ-



zido no período, graças ao co-proprietário, o português Joaquim Matos, cuja atuação garantiu a exibição dos filmes sempre em grande estilo.

No período que vai de 1922 a 1931 foram produzidos 13 filmes de enredo e vários chamados de filmes naturais, “que é a nomenclatura da época para filmes de não-ficção”, segundo Luciana Corrêa de Araújo. Logo depois de *Retribuição*, saem *Um ato de humanidade* e *Jurando vingar*, ambos em 1925. Mesmo com o sucesso comercial de *Retribuição*, a produtora teve de fazer uma película comercial para equilibrar os gastos e assim surgiu *Um ato de humanidade*, propaganda da Garrafada do Sertão, do Laboratório Maciel. Nessa fita, Jota Soares – que se tornaria um nome importante no Ciclo do Recife – estreava como ator, representando um jovem sifilítico que se curava milagrosamente com a tal garrafada. “É interessante notar que esses filmes de propaganda ajudaram a profissionalizar os jovens cineastas e também se tornaram o ganha-pão de muitos depois que o Ciclo terminou”, diz a pesquisadora.

Logo em seguida estreava *Jurando vingar*, no qual os jovens cineastas tentam repetir o esquema do primeiro filme com forte influência do cinema norte-americano. Dessa vez, a reação do público não foi tão entusiasmada. Os três resolveram então filmar a própria realidade do Recife. Pensando nisso, surgiu *Aitaré da praia*, em 1926 (o filme foi bem preservado e hoje está disponível em DVD). Nele, o pescador Aitaré namora Cora, moça inocente de uma pequena aldeia. Diversos desentendimentos separam os heróis até o esperado final feliz. Neste filme, em que participam atores como Alмеры Steves e Jota Soares, são mostradas tanto as belas praias do lugar como o ambiente sofisticado da aristocracia do Recife. O embate entre tradição e modernidade pode ser visto de maneira evidente na fita que tem uma hora de duração.

O filme foi enorme sucesso e chegou a ser exibido em outras cidades. A notícia de que existia um grupo empenhado em fazer cinema no Recife logo chegou ao Rio de Janeiro, com críticas especializadas de jornalistas como Adhemar Gonzaga e Pedro Lima. Isso despertou o interesse de outros empreendedores que queriam fazer cinema. Quatro novas produto-

ras surgiram, a Vera Cruz-Film, a Planeta-Film, a Veneza-Film e a Olinda-Film. Ainda em 1925 são produzidos *Filho sem mãe*, da Planeta, filme perdido que, segundo consta, teria a presença de cangaceiros na trama, indicando o aproveitamento dramático de personagens típicos da região.

Picante - Os integrantes da Aurora-Film, apesar das dificuldades financeiras decorrentes de *Aitaré da praia*, partiram para o mais ambicioso dos filmes do Ciclo do Recife, *A filha do advogado*, que estreou em 1926 e tinha duração de 92 minutos. Com roteiro de Ary Severo e direção de Jota Soares, o filme é um melodrama em torno de uma picante história de sedução, que deixaria o escritor Nelson Rodrigues com inveja por não ter criado a história. O herói, Helvécio, é filho de um famoso advogado da cidade, o doutor Paulo, e leva uma vida boêmia. Seu pai tem uma amante e uma filha desse relacionamento ilícito, Heloísa. Helvécio, não sabendo que a moça é sua meia-irmã, tenta seduzi-la à força. Na luta que se segue, ela o mata. Ninguém aceita defendê-la no tribunal, até que um estranho aparece disposto a ajudá-la. No elenco: Jota Soares,



Guiomar Teixeira, Euclides Jardim, Norberto Teixeira, Olíria Salgado, Ferreira Castro, Jasmelina de Oliveira, Severino Steves. O filme chegou a ser exibido no Rio, mas as dívidas com a produção foram imensas e a Aurora-Film foi à falência pela segunda vez.

A falência não significou que os cineastas que criaram a produtora pararam de fazer filmes. Edison Chagas continuou a filmar na Liberdade-Film, que lançou *Dança, amor e ventura*, em 1927, e *No cenário da vida*, em 1930, um drama romântico que seguia a linha de *A filha do advogado*. “Em 1930, encerra-se a produção de filmes de enredo do Ciclo, em meio à consolidação do cinema sonoro, às dificuldades na exibição dos filmes locais e ao conturbado momento político e econômico pelos quais passava o país.”

Os filmes de enredo, contudo, representam apenas uma parte da produção do Ciclo do Recife. Os documentários são ainda menos conhecidos e mostram a cidade em datas especiais, como *Pernambuco e sua exposição de 1924*, de Ugo Falangola e J. Cambière, o *Carnaval pernambucano de 1926*, da Aurora-

Film, *O progresso da ciência médica*, feito por Edison Chagas, em 1927. No projeto de pesquisa de Luciana Corrêa de Araújo, o Ciclo do Recife é entendido dentro de um quadro mais amplo, que extrapola o campo cinematográfico, para se debruçar sobre a sociedade e cultura pernambucana dos anos 1920. “Uma das principais questões que marcam o período é o embate entre tradição e modernidade.” Um dos espaços privilegiados para se perceber essa tensão são os jornais e revistas de época. “Os diários do Recife, as revistas e colunas de cinema

Almery Steves, a estrela do Ciclo do Recife, em *Dança, amor e ventura*; e Guiomar Teixeira, protagonista de *A filha do advogado*

do Rio de Janeiro trazem uma visão contemporânea capaz de enriquecer e problematizar as leituras feitas posteriormente”, completa.

Os últimos filmes do Ciclo do Recife são exibidos em 1930, mas a produção cinematográfica na cidade continua ao longo das décadas seguintes. Uma produção que se constitui, sobretudo, de cinejornais e documentários, que não alcançam a mesma repercussão dos filmes de enredo realizados na época do cinema mudo. Com o super 8, na década de 1970, o cinema pernambucano ganha novo fôlego, com realizadores, que também escreviam em jornais da cidade, como Fernando Spencer, Celso Marconi e Geneton Moraes Neto. E, a partir da retomada dos anos 1990, a produção volta a se afirmar para além das fronteiras do estado. Surgem filmes como *Baile perfumado* (1987), *O rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas* (2000) e *Amarelo manga* (2004), que, assim como a produção do Ciclo do Recife, encontram terreno fértil no diálogo entre o moderno e o tradicional.

O PROJETO

Ciclo do Recife, os Filmes, as Histórias

MODALIDADE

Bolsa de Pós-doutoramento

SUPERVISORA

LÚCIA NAGIB – Programa de Pós-Graduação em Multimeios/Unicamp

PESQUISADORA

LUCIANA SÁ LEITÃO CORRÊA DE ARAÚJO – Programa de Pós-Graduação em Multimeios/Unicamp